Escrevendo a (de)formação de analista e a escrita da (de)formação[1]

Patricia Civeira

Resumo

Este artigo busca traçar alguns elementos da relação entre o que pode se escrever, a partir de uma análise, e a escrita de textos psicanalíticos, na formação de analista. Para tanto, aborda os efeitos reais de escrita produzidos a partir do dizer da análise na criação de um saber fazer aí com o gozo do sintoma, na identificação ao sintoma no final de uma análise e na emergência do desejo de analista sustentado pelo estilo singular de cada analista. Para que haja formação de analista, além do enodamento sinthomático, produto de uma análise, é imprescindível o enlaçamento com outros em supervisão e estudo, compondo o tripé da formação. A escrita, produto do dizer da análise, articulada à escrita literal de textos psicanalíticos buscam contornar um indizível, e podem exercer função de corte e enodamento desse real em jogo na (de)formação de analista.

Palavras-chave:

Escrita; Dizer; Gozo; Letra; Real.

Writing the (de)formation of the analyst and the (de)formation of writing

Abstract

This article aims to trace some elements of the relation between what can be written, based on an analysis, and the writing of psychoanalytic texts in the formation of the analyst. To this end, it addresses the real effects of writing produced from the discourse of analysis in the creation of a know-how with the jouissance of the symptom, in the identification with the symptom at the end of an analysis, and in the emergence of the analyst's desire sustained by the singular style of each analyst. For the formation of an analyst to occur, in addition to the symptomatic knotting, that is a product of analysis, it is essential to link with others in supervi-

1 Parte deste texto foi apresentado no XXV Encontro Nacional dos Fóruns do Campo Lacaniano da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil) em Maceió (AL) no ano 2025.

sion and study, composing the tripod of training. Writing, as a result of the saying in analysis, articulated with the literal writing of psychoanalytic texts, both seek to circumvent an unspeakable, and can perform a function of cutting and knotting of the real at play in the (de)formation of the analyst.

Keywords:
Writing; Saying; Jouissance; Letter; Real.

Escribir la (de)formación del analista y la escritura de la (de)formación

Resumen

Este artículo se propone delimitar algunos elementos de la relación entre lo que puede escribirse a partir de un análisis y la escritura de textos psicoanalíticos en la formación del analista. A tal fin, examina los efectos reales de escritura producidos a partir del decir del análisis en la creación de un saber-hacer con el goce del síntoma, en la identificación al síntoma al final de un análisis y en la emergencia del deseo del analista, sostenido por el estilo singular de cada analista. Para que haya formación del analista, además del anidamiento sintomático, producto de un análisis, es indispensable la articulación con otros en la supervisión y el estudio, constituyendo así el trípode de la formación. La escritura, producto del decir del análisis, articulada a la escritura literal de textos psicoanalíticos, busca ceñir un indecible y puede ejercer una función de corte y de anudamiento de ese real en juego en la (de)formación del analista.

Palabras clave:
Escritura; Decir; Goze; Letra; Real.

Écrire la (dé)formation de l'analyste et l'écriture de la (dé)formation

Résumé

Cet article vise à dégager certains éléments de la relation entre ce qui peut être écrit à partir d'une analyse et l'écriture de textes psychanalytiques dans la formation de l'analyste. À cette fin, il examine les effets réels d'écriture produits à partir du dire de l'analyse dans la création d'un savoir-faire avec la jouissance du symptôme, dans l'identification au symptôme à la fin d'une analyse et dans l'émer-

gence du désir de l'analyste, soutenu par le style singulier de chaque analyste. Pour qu'il y ait formation de l'analyste, outre l'enodement sinthomatique, produit d'une analyse, l'articulation avec d'autres dans la supervision et l'étude est indispensable, constituant ainsi le tripode de la formation. L'écriture, produit du dire de l'analyse, articulée à l'écriture littérale de textes psychanalytiques, cherche à cerner un indicible et peut exercer une fonction de coupure et d'enodement de ce réel en jeu dans la (dé)formation de l'analyste.

Mots-clés :
Ecriture ; Dire ; Jouissance ; Lettre ; Réel.

> A solidão da escrita é uma solidão sem a qual o texto não se produz, ou então a gente se acaba, exangue, de tanto procurar o que escrever. Sem sangue, o autor não reconhece mais o seu texto. (…). Isso torna a escrita selvagem. Encarniçado. Não se pode escrever sem a força do corpo. (…) Escrever significa tentar saber aquilo que se escreveria se fossemos escrever — só se pode saber depois — antes, é a pergunta mais perigosa que se pode fazer. (…) A escrita é isso. É o fluxo do escrito que passa através do corpo de vocês. Atravessa. Daí partimos para falar dessas emoções difíceis de dizer, tão estranhas e que, todavia, de repente se apoderam de vocês. (…) (Duras, 1994, pp. 14, 22-23, 48, 71-72)

Escutar, ler e dizer caracterizam o fazer de psicanalistas em formação. Entretanto, cabe interrogar se há, nesse percurso, algo que se escreve. Aqui se trata da escrita em mais de um sentido que estabelecem relações entre si: o que se escreve de uma análise, os efeitos reais de escrita para o falasser e a escrita literal de textos psicanalíticos, ambos como parte integrante da formação de analista.

Nota-se que esse último tipo de escrita, embora não seja literária ou poética, guarda homologia com o tornar-se analista, pois se configura, conforme descrevem escritoras e escritores, como um processo solitário e arriscado que exige o engajamento do corpo e, frequentemente, a interlocução com o outro. O presente trabalho delimita quais seriam e como se dá essa escrita como efeito de uma análise e delineia os possíveis contornos da relação dessa escrita com a escrita na produção de textos psicanalíticos na formação de analista.

A experiência psicanalítica envolve a escuta flutuante das formações do inconsciente, a leitura de significantes no texto dos sonhos, nas metáforas e metonímias dos sintomas, nos esquecimentos, lapsos e chistes. Estende-se, ainda, à escuta das transmissões de colegas, à leitura conjunta de textos em cartéis e

à transmissão do que se lê a partir da escuta de analisantes e da experiência do ato analítico na supervisão.

Nesse contexto, há ainda o dizer. Destaca-se o que Lacan articula em seu texto *O aturdito* (Lacan, 1972/2003c) sobre o dizer da demanda de analisante e o dizer apofântico de analista. Soler (2013) elucida que a conjugação desses dizeres permite a Lacan extrair a ética do bem-dizer: um dizer da análise capaz de escrever efeitos de sentido real. Em *O inconsciente: o que é isso?*, Soler (2020, p. 134) aponta que, nesse texto, Lacan introduz a ideia do "particípio/presente/gerúndio do tempo que é preciso para que o dizer da análise produza rastros de escrito", os quais se configuram como rastros do real.

No *Seminário 22: RSI*, Lacan (1974-1975/2022b, p. 207) assevera que "o dizer é um ato" e demonstra, por meio do nó borromeano, que "o dizer é o que faz nó" (Lacan, 1974-1975/2022b, p. 129), sustentando o falasser em sua amarração entre real, simbólico e imaginário. Essa elaboração sobre o dizer prossegue no *Seminário 25: o momento de concluir* (Lacan, 1977-1978, n.p.), no qual se aponta que o que o analista diz "é corte, ou seja, participa da escrita". Corte do sentido que introduz a abertura para um vazio, uma descontinuidade, confrontando cada analisante com o real.

Quanto à escrita, desde o início de seu ensino, em 1953, em "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise", Lacan (1953/1998a, p. 307) já situava o sintoma como estando inscrito "como letras de sofrimento na carne do sujeito", ou seja, a letra como escrita do gozo. E em seu texto "A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud" (Lacan, 1957/1998b, p. 495), sua definição de letra é: "o suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem".

Posteriormente, em "Lituraterra" (Lacan, 1971/2003b, p. 22), o autor localiza a letra como litoral entre saber e gozo, elucidando que:

> (…) a escrita é, no real, o ravinamento do significado, aquilo que choveu do semblante, como aquilo que constitui o significante. A escrita não decalca este último, mas sim seus efeitos de língua, o que dele se forja por quem a fala.

No *Seminário 18: de um discurso que não fosse de semblante* (Lacan, 1971/2009, p. 114), especificamente no capítulo "Lição sobre lituraterra", o autor refere-se à letra como a rasura da ruptura do semblante, operação que resultaria em gozo nesse ravinamento caracterizado como escrita no real e define que: "a escrita, a letra, está no real, e o significante, no simbólico". Conforme aponta Soler (2020, p. 129), a ruptura do semblante consistiria na queda dos significantes-mestre na análise, revelando a economia de gozo por eles ordenada. Uma letra que escreve um indizível real ao cavar um canal na carne para o gozo se depositar.

Nessa mesma via, no "Posfácio ao Seminário 11", Lacan (1973/2003d, p. 505) se refere à função do escrito como:

> (…) o próprio caminho da estrada de ferro. E o objeto a, tal como o escrevo, é, por sua vez, o trilho por onde chega ao mais-de-gozar aquilo de que se habita, ou em que se abriga, a demanda de interpretar.

Além disso, no *Seminário 20: mais ainda* (Lacan, 1972-1973/2010, p. 242), ele afirma que a análise consiste em ler os efeitos dos dizeres dos analisantes que deixam rastros de escrita, uma vez que a letra constitui um efeito de discurso.

> O eu (*je*) não é um ser, é um suposto ao que fala. O que fala só tem a ver com a solidão, no ponto da relação que eu só posso definir dizendo, como o fiz que ela não pode se escrever. Essa solidão de ruptura do saber, não somente ela pode se escrever, mas é mesmo o que se escreve por excelência, o que de uma ruptura do ser deixa rastro.

Extrai-se das pontuações demarcadas que a relação entre o dizer e a escrita vai se delineando na própria constituição do falasser quando a língua deixa o rastro da letra no real, fixando um tipo específico de gozo do sintoma no corpo. Essa escrita estabelece uma trilha letrada por onde passa o gozo: um dizer indizível se escreve. Na trajetória de uma análise, sustentada pelo tripé da escuta, da leitura e do dizer, pode se delimitar essa escrita constitutiva e, produzir ainda, uma outra escrita por meio do dizer da análise. Este dizer, enquanto ato, corta o gozo do falasser para enodá-lo de outro modo, sendo justamente este outro modo uma outra escrita. Assim, o dizer da análise pretende tocar a escrita da letra de gozo, como resto de *alíngua*, para permitir uma outra escrita. Interroga-se, contudo, como ocorre esse processo.

Ao concluir o percurso analítico, Lacan postula, no *Seminário 24: l'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* (1976-1977), que o sujeito opera uma identificação ao sintoma. Essa travessia exige, inicialmente, a decifração do sintoma-metáfora, conforme articulado em "A instância da letra ou a razão desde Freud" (Lacan, 1957/1998b) para, em seguida, promover sua redução ao sintoma-letra, que circunscreve um resíduo de gozo opaco e fora-de-sentido, de acordo com o *Seminário 22: RSI* (Lacan, 1974-1975/2022b).

Nesse processo de decifração do sintoma-metáfora, cada analisante busca o sentido de seu sintoma ao identificar os significantes que o marcaram e as interpretações atribuídas ao desejo do Outro. Tal percurso pode tornar-se interminável caso o analista alimente o peixinho voraz do sintoma, que se nutre de sentido,

como aponta Lacan em "A terceira" (1974/2022a, p. 47). Contudo, se o dizer de analista opera um corte nesse gozo do sentido e o analisante consente com essa operação, o sentido pode esvaziar-se, permitindo a emergência do não sentido real. A partir dessa redução, torna-se possível atingir o núcleo de gozo do sintoma como letra fora-de-sentido.

Em relação ao sinthoma-letra como se refere Quinet (2000, p. 168), essa letra se constitui como a escrita do gozo do sintoma, uma escritura que fixa a unicidade do núcleo de gozo irredutível. Desse modo, a identificação ao sinthoma-letra, ao final da análise, implica o consentimento à própria maneira de gozar e a invenção de um saber lidar com esse gozo. Nas palavras de Lacan, em seu *Seminário 24: l'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*:

> Então, em que consiste esta re-marcação (repérage) que é a análise? Será que isso seria ou isso não seria identificar-se — identificar-se tomando suas garantias, uma espécie de distância — identificar-se a seu sintoma? (…) saber fazer (*savoir faire*) com esse sintoma; saber desembaraçá-lo; saber manipulá-lo. Saber — isso tem alguma coisa que corresponde ao que o homem faz com sua imagem — é imaginar a maneira pela qual a gente se vira com esse sintoma. Saber se virar (*savoir y faire*) com o seu sintoma está aí o fim da análise. (Lacan, 1976-1977, pp. 4-5)

Lacan utiliza a expressão identificar-se ao "sintoma" (grafado sem o "h"). Entretanto, no *Seminário 23*, o sinthoma (grafado com "h") constitui o quarto elo que enoda os registros real, simbólico e imaginário do falasser. Nesse sentido, o sinthoma revela-se como a própria criação — ou escrita — de um saber fazer aí (*savoir y faire*) com o sintoma-letra de gozo, operando a amarração da estrutura do falasser. Cabe destacar que esse "saber fazer aí" não tem conotação de domínio técnico, mas remete a um "saber se virar" com esse gozo; relaciona-se, portanto, à capacidade de abertura para invenções singulares no manejo do gozo.

Ainda no *Seminário 24*, para fundamentar a questão da identificação ao sintoma, Lacan recorre aos três modos de identificação freudianos: a identificação amorosa (ao pai), a identificação histérica e a identificação a um traço. Sobre isso, em seu livro *As marcas de uma psicanálise*, Izcovich (2018, p. 280) aponta que Lacan localiza no traço unário, como primeiro significante, o entalhe, a marca de localização do sujeito e, partir desse, introduz-se a letra como o suporte material da identidade.

Seria importante destacar, ainda, o que Lacan denomina *repérage*, traduzido como remarcação. Na leitura de Izcovich (2018, p. 251), ele defende que a interpretação precisa delimitar um indizível e que, portanto, tem o mesmo estatuto do

trauma. O *troumatisme*, assim denominado por Lacan em seu *Seminário 21: os não tolos erram,* define-se como a introdução do falasser na linguagem, ou seja, a intrusão traumática do significante do Outro que mortifica a carne, gerando o gozo como resto não simbolizado, constituindo, assim, uma primeira escrita indizível da letra de gozo, o objeto a, mais-de-gozar e causa do desejo, conforme abordado em seu *Seminário 10: a angústia*.

Caso se considere que a interpretação analítica apresenta o mesmo estatuto do trauma e a análise promova uma re-marcação, então, algo se re-escreve ao final do processo na identificação ao sintoma, utilizando essa letra de gozo preexistente como suporte identificatório. Assim, a partir da escrita de uma letra que fixou o gozo, o dizer da análise re-escreve, re-trilha um novo ravinamento, sem apagar o que já foi escrito, mas criando um canal, uma ramificação alternativa para o escoamento do gozo, sendo este sulco re-escrito um novo modo de saber fazer aí com o gozo.

Quinet (2009) define esse "saber fazer" ou "saber lidar" como algo pertencente à ordem do estilo. Sobre o estilo, Lacan afirma, no texto de abertura de 1966 dos *Escritos*, que: "É o objeto (a) que responde à pergunta sobre o estilo que formulamos logo de saída" (Lacan, 1966/1998c, p. 11). Quinet (2009) explica que o estilo se refere ao objeto a enquanto particularidade do gozo individual, o qual sustenta o operador lógico de uma análise: o desejo de analista.

> Virar-se com seu sintoma quer dizer fazer calar seu sintoma e operar com o desejo do analista, que se expressa por meio de seu estilo e de sua enunciação. O estilo é a marca não significante que o analista traz em seu ato e em sua interpretação. (Quinet, 2009, pp. 179-180)

Desse modo, o estilo de analista sustenta o desejo de analista por meio de sua escrita em sua assinatura no ato e na interpretação. O dizer de analista, enquanto ato que opera como corte de estilete do mais-de-gozar, permite a escrita da letra que fixou um gozo irredutível e ininterpretável. A partir disso, o falasser pode inventar um estilo singular de enlaçar, de saber fazer com o próprio gozo. Simultaneamente, esse dizer em ato permite ao analista consentir em sua posição de semblante de *objeto a*, operador do desejo de analista e causa do desejo para o analisante, para depois poder cair como resto ao final da análise e da transferência. O dizer analítico, portanto, produz efeitos de escrita que cortam e enlaçam, criando um outro modo de saber fazer aí com o gozo do falasser entre o real, o simbólico e o imaginário, permitindo ainda distanciar-se desse para poder sustentar, por meio de seu estilo singular, seu desejo de analista.

Surge, a partir disso, o questionamento sobre se esse cortar e enlaçar do dizer da análise que se escreve também exerce função para além da análise, sobre os outros dois elementos do tripé da formação: a supervisão e o estudo teórico. E, na esteira disso, como se pode estabelecer a relação entre o que se escreve por meio de uma análise e a escrita de textos psicanalíticos para a formação de analista.

Freud (1919/2010) nos ensina que a análise pessoal, a supervisão de casos clínicos e o estudo teórico compõem o tripé da formação analítica. Lacan (1967/2003a), por sua vez, localiza, na Escola, o lugar onde se articulam esses elementos. Já Fingermann (2016) aponta que a (de)formação de analista precisa permanecer necessária, ou seja, não deve cessar de se inscrever.

O dizer da análise é um ato que, ao mesmo tempo, corta o gozo e permite que um falasser se enode de outro modo, sendo esse cortar e enodar o próprio efeito real da escrita que só se faz ao tocar a letra de gozo. Nessa direção, cabe relacionar aqui essa escrita dos efeitos reais de uma análise com as categorias modais do necessário e do contingente de Aristóteles, conforme a subversão da lógica formal proposta por Lacan nos *Seminários 20 e 21* para articular o real e o gozo.

O necessário do sintoma e para a formação de analista é o que não cessa de se escrever. É o que segue, portanto, repetindo, se escrevendo, seja como sintoma para um falasser seja como um necessário para a formação de analista. O gozo do sintoma vai sendo tocado pelo dizer da análise deixando rastros de escrita, ao mesmo tempo em que se insiste nesse necessário da formação analítica. Nesse sentido, retomando a citação de Soler em referência ao *Aturdito* temos o escrever em repetição no tempo verbal do gerúndio: escrevendo a (de)formação de analista.

Já a contingência da função fálica, como o que cessa de não se escrever, escreve-se, portanto, por meio do dizer da análise como corte, como castração, ao final de uma análise: há o Um, não há relação sexual e há a ex-sistência (Soler, 2020). Ou seja, o dizer como corte que escreve: a escrita de uma (de)formação ao final de uma análise.

Essa escrita permite manejar a falta estrutural e o gozo singular do falasser de um outro modo e, em alguns casos, pode também dar lugar à emergência do estilo e do desejo de analista. Eis o efeito real de escrita: re-escrever alguma deformação a partir desta escrita de gozo constitutiva do falasser viabilizando um fragmento de liberdade em relação ao gozo.

Assim, a ex-sistência real de um gozo singular do falasser, não complementar, implica a inexistência da relação sexual, o que não impede a formação de laços. É sobre esse necessário do sintoma e da formação de analista que algo do contingente poderá se escrever para cada falasser-analista.

Nessa direção, Soler (2016, p. 142) sustenta que "o dizer enoda não apenas as três consistências, mas os falasseres entre si". O que não cessa de se escrever na

formação de analista envolve uma tentativa permanente de circunscrição e enlaçamento do real pela via do discurso analítico. Isso se apresenta na própria análise, na condução do tratamento de analisantes, nas transmissões em supervisão e nas articulações teórico-clínicas. A amarração do tripé da formação, como algo necessário que não cessa de se escrever, constitui a formação de analista nesse enlace junto aos "esparsos disparatados" (Lacan, 1976/2003f, p. 569), escrevendo essa (de)formação.

Por outro lado, a própria escrita de textos psicanalíticos, como produtos de cartéis, pesquisas, construções de casos clínicos e artigos como este, comporta a solidão, o risco e o engajamento corporal, não sem outros. Como mencionado no início, esse processo assemelha-se aos efeitos reais de escrita em uma análise. Em ambos os casos, o sujeito acessa algo já escrito, seja como letra de gozo no corpo ou como letra literal do corpo dos livros lidos, para poder incorporar, no sentido de dar corpo ao materializar algo de si num ato de escrita. Esse percurso ocorre de modo solitário, embora conte com a presença de um analista ou de um leitor. Assume-se, desse modo, o risco absoluto de não ter garantias se será possível chegar a uma escrita de algo que sirva ao próprio modo de lidar com o gozo e à (de)formação de analista.

Assim, na busca por articular e transmitir um indizível sempre faltante, dos efeitos reais de escrita a partir de uma análise na escrita de textos psicanalíticos, podem fazer a função de re-corte e re-enlace permitindo a criação de um modo singular de saber fazer aí com o real da própria (de)formação de analista, podendo esse ser mais um fio dessa trama tecida para sustentar a emergência do desejo de analista pautado num estilo singular.

Referências bibliográficas

Duras, M. (1994). *Escrever* (R. Figueiredo, Trad.). Rio de Janeiro: Rocco.

Fingermann, D. (2016). *A (de)formação do psicanalista: as condições do ato psicanalítico*. São Paulo: Escuta.

Freud, S. (2010). *Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades?* (P. C. de Souza, Trad. e Notas) (Vol. 14, pp. 377-381). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919)

Izcovich, L. (2018). *As marcas de uma psicanálise* (E. Saporiri & O. Machado, Trads.). São Paulo: Aller.

Lacan, J. (1976-1977). *O seminário, livro 24: l'insu que sait de l'une bevue s'aile à mourre*. Edição heReSIa (para circulação interna). Inédito.

Lacan, J. (1977-1978). *O seminário, libro 25: el momento de concluir.* Classe 3 del 20 de deciembre de 1977. Versão Psikolibro, em espanhol.

Lacan, J. (1998a). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In J. Lacan. *Escritos*. (V. Ribeiro, Trad.) (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1953)

Lacan, J. (1998b). A instância da letra ou a razão desde Freud. In J. Lacan. *Escritos*. (V. Ribeiro, Trad.) (pp. 496-533). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1957)

Lacan, J. (1998c). Abertura desta coletânea. In J. Lacan. *Escritos* (V. Ribeiro, Trad.) (pp. 9-11). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1966)

Lacan, J. (2003a). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In J. Lacan. *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.) (pp. 248-264). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1967)

Lacan, J. (2003b). Lituraterra. In J. Lacan. *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.) (pp. 15-20). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1971)

Lacan, J. (2003c). Aturdito. In J. Lacan. *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.) (pp. 448-497). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1972)

Lacan, J. (2003d). Posfácio ao *Seminário 11*. In J. Lacan. *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.) (pp. 503-507). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1973)

Lacan, J. (2003e). Televisão. In J. Lacan. *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.) (pp. 508-543). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1974)

Lacan, J. (2003f). Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. In J. Lacan. *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.) (pp. 567-569). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1976)

Lacan, J. (2005). *Seminário livro 10: a angústia* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963)

Lacan, J. (2007). *O seminário, livro 23: sinthoma* (S. Laia, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1975-1976)

Lacan, J. (2009). *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse de semblante* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1971)

Lacan, J. (2010). *O seminário livro 20: encore* (A. T. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Escola da Letra Freudiana. Edição não comercial destinada aos membros da Escola. (Trabalho original publicado em 1972-1973)

Lacan, J. (2018). *Seminário livro 21: os não-tolos erram/os nomes do pai* (F. Denez & G. C. Volaco, Trads. e Orgs.). Porto Alegre: Fi. (Trabalho original publicado em 1973-1974)

Lacan, J. (2022a). *A terceira*. In *Textos complementares ao Seminário 22: RSI, Volume II* (L. Matheron, Trad.) (pp. 25-72). São Paulo: Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo. (Trabalho original publicado em 1974)

Lacan, J. (2022b). *O seminário, livro 22: RSI* (L. Matheron, Trad.) São Paulo: Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo. (Trabalho original publicado em 1974-1975)

Quinet, A. (2000). *A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma*. Rio de Janeiro: Zahar.

Quinet, A. (2009). *A estranheza da psicanálise: a Escola de Lacan e seus analistas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Soler, C. (2013, junho). A oferta, a demanda e… a resposta. *Stylus: Revista de Psicanálise*, (26), 15-32.

Soler, C. (2016). *O que faz laço?* (E. Saporiti, Trad.). São Paulo: Escuta.

Soler, C. (2020). *O inconsciente: o que é isso?* (C. A. de A. Oliveira & D. Fingermann, Trads.). São Paulo: Zogodoni.

Recebido: 28/02/2026

Aprovado: 31/07/2026